

DEPÓSITO LEGAL

MUNDO GRÁFICO

10 JAN 1942



Quando
chegar o
Pai Natal
os olhitos
que o espreitam
da janela
vão sorrir

B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o Mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. (9,58 mc/s)
21,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. (9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em
24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V



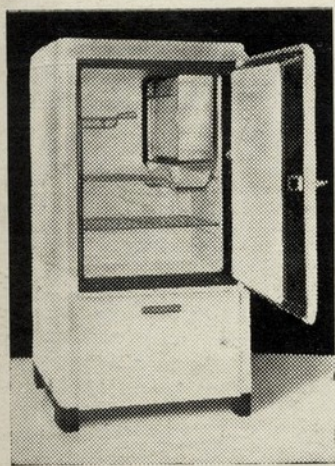
Sumário

- A NOVA FRENTE SÉRVIA, pelo Dr. Mário Neves
CORONEL KNOX, biografia
A GUERRA NO PACÍFICO, por «Observador»
A MOBILIZAÇÃO DA MULHER
O MODÉLO DE ARTISTA
TRÊS SÉCULOS DEPOIS
A OFENSIVA NA LÍBIA
U. S. A. EM GUERRA, dupla página
TERRA BRAVA, de Rogério Perez
NELSON NOS MARES, dupla página
UM TÚMULO HISTÓRICO, de Rocha Martins
A CAMPANHA DE LESTE — O INVERNO NA RÚSSIA,
por Carlos Ferrão
NATAL 1941, de Rodrigo de Mello
ACTUALIDADES NACIONAIS
PORTUGAL ATRAVÉS DA GRAVURA INGLÊSA
MEMÓRIAS DE CHURCHILL
PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim
PRESENTE DE NATAL, novela de Guedes de Amorim
CRÓNICA ALEGRE, de Pedro de Nelas
CINEMA, de António Lourenço



Capa de J. Lobo

Como fazem a sua preparação atlética os bombeiros portugueses



- Certamente que V. Ex.^ª irá comprar na próxima primavera um FRIGORÍFICO para conservar os alimentos durante o verão para que eles se não estraguem!
- E haverão frigoríficos nessa altura? E a que preços serão eles vendidos, dado o aumento constante das matérias primas e dos transportes?
- Não seria maior economia adquiri-lo durante o Inverno visto a «ELECTROLUX» possuir todos os modelos e vendê-los aos preços correntes deste ano?
- A nossa Exposição (onde temos vários modelos a funcionar), os nossos empregados e o nosso serviço informativo estão às ordens de V. Ex.^ª.

Electrolux, Limitada

LISBOA
AVENIDA DA LIBERDADE, 141
Telef. 2 8246

PÔRTO
PRAÇA DA LIBERDADE, 123
Telef. 2033

A NOVA FRENTE SERVIA

A situação na Iugoslávia é de tal modo grave que qualquer observador das ocorrências internacionais, embora solicitado por acontecimentos de grande envergadura, como são as operações na Rússia, a campanha da Líbia e o conflito agora desencadeado entre o Japão e os Estados Unidos no Extremo-Oriente, não pode perdê-la de vista. Já não são apenas as notícias isoladas, se bem que repetidas, das execuções de elementos mais irrequietos. São resesidências mais extensas, que abrangem populações inteiras, como a destruição recente de Sabac e a ameaça de arrazar Belgrado, há pouco anunciada em telegramas publicados nos nossos jornais e de que os alemães fazem, aliás, larga expansão para evitar, por certo, com tal exemplo, que outros factos semelhantes se dêem entre povos agora aquietaos. São mesmo notícias pormenorizadas de autênticas operações militares, a que nem sequer faltam os comunicados oficiais em forma.

Com efeito, o caso da Iugoslávia merece atenção especial. Os acontecimentos assumiram, ultimamente, proporções tais que o governo de Simovitch, refugiado em Londres, proclama já a abertura duma nova frente no seu país e os círculos de Berlim não escondem as suas preocupações por esse motivo.

Assinalam-se verdadeiros combates na Bósnia, Herzegovina, Montenegro e até na Eslovénia. Mas o ponto nevrálgico da situação é a Sérvia, onde, além dos grupos de guerrilheiros que praticam frequentes actos de sabotagem, existe hoje um exército regular sérvio, perfeitamente organizado, sob o comando do antigo professor da Academia Militar de Belgrado coronel Draja Mihailovitch. A região fortemente acidentada, onde as montanhas cobertas de florestas permitem ocultar largos movimentos de tropas e desenvolver consideráveis preparativos militares, fornece ao mesmo tempo inexploradas

gnáveis defesas, com as suas escarpas enormes, que dominam facilmente as poucas estradas rasgadas nas encostas íngremes e caprichosamente reortadas.

Mihailovitch dispõe já de mais de 100 mil homens, adestrados com perfeição e equipados com material metódicamente recolhido nos locais para onde fôra conduzido à pressa, nos dias agitados e trágicos que se seguiram à invasão. No quadro dos seus oficiais figuram representantes de todas as profissões liberais e até mesmo 40 diploma-

combinado da região montanhosa que fica a sudoeste da antiga capital. Dez soldados sérvios conduziram-nos, depois, com os olhos vendados, até ao quartel general do Mihailovitch, onde chegaram ao cabo de duas horas de tortuoso percurso. A entrevista, que decorreu numa velha casa típica da região, começou por uma declaração dum dos enviados germanicos:

«Recebi ordem do meu comandante, general von Dankelman, para declarar peremptoriamente que a vossa acção é ilegal e que não podemos

retirado o reconhecimento à Iugoslávia, como nação única, iniciado o seu desmembramento pela criação da Croácia independente, a Sérvia voltou a ter o seu exército».

A discussão prolongou-se, mas sem resultado. Ao cabo de duas horas, os plenipotenciários alemães tinham esgotado todos os argumentos e haviam chegado ao limite das concessões. Nem a garantia absoluta duma amnistia imediata para si e para os seus homens moveu Mihailovitch da sua atitude firme. «Presentemente tendes de defrontar-vos com o exército sérvio, que se baterá até ao fim» — foram as suas últimas palavras aos enviados de Belgrado.

O regresso dos enviados causou evidente desapontamento entre os seus chefes e determinou um novo processo para a repressão das forças patrióticas sérvias. Ainda o singular armistício não tinha expirado há muito, já duas poderosas divisões alemãs, mandadas ir do Reich pelo general von Dankelman especialmente para esse fim, iniciavam o seu avanço contra a pequena cidade de Sabac, cerca de 80 quilómetros a ocidente de Belgrado, e tida como capital do exército insubmisso. Uma acção combinada da artilharia e da aviação, reduziu, como se sabe, o pequeno burgo a um montão informe de ruínas. Mas nem esta acção fulminante contra Sabac, nem idêntico procedimento contra Uzitze, mais ao sul, nem mesmo a ameaça formal de arrazar Belgrado, surtiu o efeito desejado pelas autoridades de ocupação. As forças do coronel Mihailovitch continuam a organizar-se e a sua acção alargase cada vez mais, segundo um plano perfeitamente elaborado e cuja execução está assegurada por uma rede de comunicações estabelecida com o auxilio de arrojados estafetas recrutados entre a população montanhosa e de pequenas estações radiotelegráficas de campanha.

Mário Neves



Um aspecto da cidade de Split na Iugoslávia

tas de carreira. Este exército começou a dar sinal de vida em Julho passado, mas a sua força tem aumentado com tal incremento que as autoridades alemãs de Belgrado e o governo local ali instalado sob a presidência do general Neditch procuraram há pouco substituir os ineficazes processos repressivos para negociações directas com o chefe insubmisso.

Convencionado um armistício de 12 horas, foram designados para negociar em nome de Belgrado o general iugoslavo Dokitch e dois oficiais alemães, que se apresentaram num local previamente

aplicar as convenções internacionais aos vossos soldados caídos nas nossas mãos».

Esclarecendo o ponto de vista dos ocupantes, o emissário acrescentou que, tendo o exército iugoslavo capitulado, a atitude de Mihailovitch comprometia a palavra dada pelos chefes militares que aceitaram a rendição.

A contestação foi rápida. Secamente, o coronel sérvio negou que tivesse comprometido qualquer garantia dada por si ou por seus chefes.

«É certo — disse — que o exército iugoslavo capitulou. Mas trata-se do exército iugoslavo e não do exército sérvio. Ora

Composição / Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. - Loholum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA. REUMATISMOS.
NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

**RÁPIDOS ALÍVIOS OBTIDOS
LOGO ÀS PRIMEIRAS APLICAÇÕES**

Vende-se em qualquer farmácia ao preço de 15\$00 cada bisnaga

DESCONFIE DAS IMITAÇÕES

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

**Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada**

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



REFLEXOS DO MUNDO

Era o que faltava...

Silva Graça era, então, director do Sécuro.

Um dia, o contínuo anunciou-lhe um misterioso visitante. Silva Graça recebeu-o e, minutos depois, a campainha do telefone de João Pereira da Rosa, o actual director daquele jornal, retinha.

— Está? Está? É o Rosa? Daqui Silva Graça. Há alguma casa do «bairro» (um grupo de casas que fazem parte do edifício do Sécuro) para alugar?

Pereira da Rosa, depois de pensar uns segundos, respondeu negativamente. E, do outro lado da linha:

— Pois fique sabendo que a primeira vaga não se aluga. Ouviu? Mas ouviu bem? Não a aluga a pessoa alguma sem me falar.

Uma hora depois, a campainha do mesmo telefone voltou a dar sinal.

— É o Rosa?... Silva Graça. Lembra-se do que lhe disse há pouco? Pois se vagar alguma casa, alugue-a imediatamente. Ouviu? Imediatamente. A ordem que lhe dei foi para me ver livre de um maluco que diz ter inventado um avião e quer lançar-se comigo de uma janela, para experiência... Imagine; comigo! — E desligou.

Se fôsse cá!...



O Instituto de Higiene e Medicina do Rio de Janeiro realizou

uma experiência interessante. Seis crianças atacadas de coqueluche subiram, num avião da Força Aérea Brasileira, a três mil metros, para uma cura de altitude.

Um grupo de enfermeiras, equipadas com cobertores, baldes de oxigénio e medicamentos de urgência, acompanhou os pequenos doentes. A mais velhinha das crianças tem cinco anos e, a mais pequenina, apenas cinco meses. Todas elas estão inscritas naquele organismo de assistência à criança e voaram com o consentimento paterno.

A coqueluche, dizem os médicos, cura-se nas grandes altitudes. A experiência parece ter dado óptimos resultados.

Se fôsse cá, os papás das crianças não achariam perigoso?

Casamento difícil

Ramada Curto traduziu recentemente, uma peça de Pagnol para a companhia de Maria Matos. Não sabemos porque — e o nosso dramaturgo também não... — a illustre comediantre preferia — ao contrário do que está escrito na comédia — que os protagonistas casassem, no terceiro acto. E não esteve com mais aquelas: pediu ao autor do «Caso

do Dia» um tanto das atribuições de Santo António.

— Mas como? — interroga Ramada. — Isso é com o Pagnol. Maria Matos insiste e Ramada, num desabafo:

— Bem. Levam-se os amouros à Conservatória do Registo Civil e o Carlos Amaro que os case. Eu... lavo daí as minhas mãos.

Disney e as cenouras



Walt Disney, o criador de tantas figuras que a sua imaginação animou e tornou queridas dos espectadores de todo o mundo, vai obrigar os ingleses a comerem mais cenouras. Assim o informa um recente telegrama de Londres.

O ministro da alimentação, Lord Woolton, perante a abundância de cenouras pensou em fazer uma propaganda incisiva desse legume côr de tijolo, e que não tem a simpatia de toda a gente. Recorreu, então, ao cinema.

Pediu para Hollywood, a Disney, que fizesse um filme de desenhos animados sobre a cenoura. Logo a seguir recebeu um telegrama dizendo que o pai da «Branca de Neve» resolvera perfilhar a «Família Cenoura», que, dentro em breve será espalhada pelos ecrãs da Grã-Bretanha.

É mais uma contribuição que o cinema presta aos que defendem, nos seus rochedos batidos pelas ondas, a grande causa da civilização.

Estaria certo?

Já lá vão umas boas dezenas de anos... Representava-se no teatro D. Amélia «O Regente», de Marcelino de Mesquita, com Augusto Rosa no protagonista. D. Carlos assistiu ao espectáculo e tal foi o seu entusiasmo que, no final, chamou ao seu camarote o glorioso actor e disse-lhe:

— Se o que está na história não é o que o senhor fez, a história está errada.

E concedeu-o com a comenda da Conceição.

No oriente

A grande cidade de Hong-Kong, metrópole do comércio oriental e porto dos maiores do mundo, abriga nos seus muros milhares de soldados, prontos a enfrentar todas as tentativas imperialistas do Japão.

A cidade festejou com entusiasmo a chegada, em novembro, dum contingente de tropas ame-

ricanas. Apesar de só algumas autoridades militares terem conhecimento do facto, a multidão não se deixou surpreender com o inesperado.

Um dos oficiais americanos recebeu um telegrama de Ottawa com a notícia de lhe ter nascido o primeiro filho.

Para que abandonou este homem os cerinços e as doçuras do lar? Simplesmente para assegurar ao filho um mundo melhor, livre de ambições e de restrições que lhe dê uma paz firmada na justiça humana e no respeito de todas as crenças. O sacrifício não será inútil.

Como morre um herói

O sargento Alfred Sephton recebeu, a título póstumo, a primeira «Victoria Cross» da esquadra do Mediterrâneo nesta guerra.

Fazia parte da tripulação do cruzador «Coventry», durante o ataque à ilha de Creta. Em 20 de Maio o cruzador foi em auxílio dum navio hospital inglês que lançava um S. O. S. Sephton encontrava-se nas torres de direcção do tiro. Logo no primeiro ataque dos bombardeiros inimigos foi atingido gravemente.

Ferido, nem por isso abandonou o seu posto; continuou até o fim do combate, disparando uma metralhadora quadrupla anti-aérea.

A sua conduta salvou o cruzador e o navio hospital. Morreu horas depois de acabar o combate. É a 24.ª «Victoria Cross» e a quinta concedida à Marinha na presente guerra.

A travessia do Atlântico

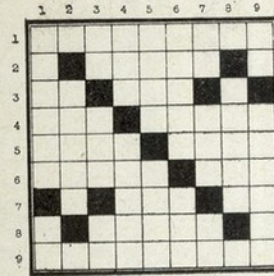


O capitão Jones, piloto da Imperial Airways que muitas vezes tem vindo a Lisboa e inaugurou no ano passado a carreira

entre a nossa capital e Londres, acaba de estabelecer o récord da travessia do Atlântico.

No dia 1 de dezembro percorreu a distância entre os Estados Unidos e a Inglaterra em 8 h. e 25 minutos, tripulando um avião «Liberator». O «récord» de tempo que pertencia até então, às famosas fortalezas voadoras, estava em 8 horas e 45 minutos.

A bordo do avião do capitão Jones viajava o tenente-coronel aviador francês Luguet, antigo adido aeronáutico em Moscovo, que recentemente aderiu às forças francesas livres. Os dois aliados, agora mais unidos do que nunca, continuam a conquistar velocidades para a vitória.



PROBLEMA N.º 29

HORIZONTAIS

- 1 — O Presidente dos Estados Unidos.
- 2 — Semelhante.
- 3 — Grito de dor; Número cardinal.
- 4 — Possessão portuguesa na Índia; Rumos.
- 5 — Passados; Planta de aplicação culinária.
- 6 — Rosada; Lige onde se acende o fogo.
- 7 — Civilização; Letras de «velo».
- 8 — Defeitos.
- 9 — O construtor da vitória inglesa.

VERTICAIS

- 1 — Resistir; Antes de Cristo.
- 2 — Sucedâneo do iodoformio.
- 3 — Artigo (pl.); Contração de proposição e artigo (pl.); Pronome pessoal.
- 4 — Consentimento; Carimbar.
- 5 — Título dado aos descendentes de Maomete; Cruel (fem.) (inv.).
- 6 — Vilã; Letras de «zicha».
- 7 — Artigo (antigo); Sinal gráfico; Nota musical.
- 8 — Galo castrado.
- 9 — Até; O que se diz dum pera sumarenta.



Solução

do

Problema

n.º 28

EAGLOIL e Essolube

Os lubrificantes de reputação mundial

Organização



EXCLUSIVOS DE H. VAULTIER & C.º

EAGLOIL



CORONEL KNOX

O que há de mais impressionante na carreira do Coronel Knox é a sua semelhança com a de Winston Churchill. Ambos nasceram no mesmo ano, apenas com uma diferença de alguns meses: o primeiro em Janeiro, o segundo em Novembro; ambos iniciaram a sua actividade batendo-se na guerra de Cuba; ambos foram, simultaneamente, soldados e jornalistas, pegando na espingarda e na pena ao sabor dos acasos das batalhas em que tomaram parte; ambos evoluíram no xadrez da política interna considerando que só valem os imperativos do interesse e da salvação nacional. O Coronel Knox, republicano ortodoxo, aceitou o convite para colaborar numa situação em que o partido democrático detém as alavancas do poder; Winston Churchill, erguendo no seio do partido Conservador o pendão da revolta contra o proteccionismo de Joe Chamberlain e combatendo a orientação que o filho deste preconizava quando supunha possível chegar a um entendimento duradouro com a Alemanha nacional-socialista.

O coronel Knox, que nasceu em 1874, e entrou, em 1900, como Churchill, na política, filiando-se no partido republicano. Dirigiu alguns dos principais órgãos da imprensa da província durante trinta anos (1901-1931). Em 1916, defendia a intervenção dos Estados Unidos na guerra europeia e, pouco depois, partiu para o nosso continente incorporado num regimento de artilharia. De regresso aos Estados Unidos, adquiriu a propriedade do «Chicago Herald Tribune» que transformou numa das maiores forças da imprensa norte-americana.

Em 1936 foi candidato do seu partido à vice-presidência da República opondo-se à candidatura de Franklin Roosevelt. Quando os assuntos de política externa começaram, pouco depois, a prender as atenções de opinião pública nos Estados Unidos deu a sua adesão calma à política da Casa Branca. Em 1940, assumiu a direcção do Departamento da Marinha. O movimento que as forças navais norte-americanas registaram nos últimos meses são, em boa parte, produto da sua actividade e do seu dinamismo incansável.

A Guerra no Pacífico

NA madrugada de domingo, 7 de Dezembro, os navios e aviões nipónicos atacaram as bases norte americanas do Pacífico. Ao mesmo tempo as posições britânicas da Ásia meridional eram atacadas por contingentes japoneses, em grande escala. Da Manchúria às Hawaii e de Hong-Kong à estrada da Birmanias as hostilidades desencadearam-se com uma violência inesperada. A guerra que já assolava três continentes degenerou em conflagração mundial abrangendo todos os continentes e todos os oceanos.

Quando se desencadeou o ataque nipónico, estavam em curso negociações diplomáticas entre o governo de Tóquio e de Washington para se regularem, pelas vias normais, as divergências suscitadas no Extremo Oriente. Os delegados japoneses para essas negociações, os embaixadores Nomura e Kurusu, eram portadores da resposta do seu governo a uma diligência norte americana. O secretário de Estado, Cordell Hull, viu a cerimónia protocolar numa troca de notas diplomáticas substituída pela entrega duma declaração de guerra. É natural que a sua surpresa se tenha manifestado imediatamente.

Se os factores que hão-de decidir desta conflagração são os recursos demográficos, a potência industrial dos blocos que se enfrentam, o dos aliados cuja solidariedade se encontra resumida na carta do Atlântico, Império Britânico, Estados Unidos, U. R. S. S. e China, oferece, em relação aos seus antagonistas, uma expressão de superioridade decisiva. O Primeiro Ministro da Gran Bretanha declarou na Câmara dos Comuns que com a causa que éle simboliza estão quatro quintos da população do globo e o cálculo não anda longe da verdade. Os recursos industriais (matérias primas, fábricas e utensilagem) do grupo anglo saxónico com os seus aliados é incomparavelmente superior às possibilidades do «eixo» com a adesão do factor nipónico.

Esse bloco tem o domínio incontestado dos mares que cobrem dois terços da superfície do globo. Os seus recursos em carburantes representam, praticamente, a totalidade da produção mundial. Os jazigos da América do Norte e da América do Sul (Estados Unidos, México, Venezuela), do Próximo Oriente (Irão, Irak) e do Extremo Oriente (Índias holandesas) encontram-se ao seu serviço. É sua igualmente a quase totalidade da produção mundial de cereais e de metais. O ouro de quasi todo o mundo está depositado nos Estados Unidos.

Não é preciso ter em menos conta nem o efeito de surpresa nem a preparação demorada do adversário para reconhecer as suas vantagens. Desde que não foi possível ao Reich, na Europa Central, à Itália, em África, e ao Japão, no Extremo Oriente, aplicar os métodos clássicos da guerra relampogação os factores estaticos (recursos em homens e materiais, situação geográfica, matérias primas e utensilagem industrial) que ditaram a última palavra no conflito a que assistimos.

Pode a duração desse conflito ser maior ou menor. O factor tempo (no sentido da duração e no sentido das intempéries) passou a desempenhar um papel decisivo. A rapidez inicial do ataque não ponde, a não ser no caso particular da França, dominar completamente os factores de resistência que, perante a iminência do perigo, se organizaram solidamente. A Gran Bretanha resistiu no outono de 1940, a U. R. S. S. resistiu no verão de 1941, os Estados Unidos resistiram no inverno do mesmo ano. Ao longo de todo esse período de tempo resistiu a China. É esta a lição e o exemplo que serve para iluminar, como uma luz reveladora, os acontecimentos que se preparam.

○ OBSERVADOR

O Japão abre as hostilidades contra os Estados Unidos e a Inglaterra, usando duma duplicidade que Cordell Hull denuncia indignadamente. Ao lado dos Estados Unidos coloca-se todo o continente americano. Sucedeu-se as declarações dos vários governos, em termos que variando na forma, são identicos no fundo. Acaba o «isolacionismo» nos Estados Unidos.

Rússia



Comunicado do quartel general alemão, do dia 8 de Dezembro de 1941: «A continuação das operações e a tática do combate a leste dependem desde este momento da chegada do inverno russo.»

No dia seguinte um informador militar alemão declara em Berlim que se «suspendem as operações militares em grande escala na frente oriental enquanto durar o inverno por este se ter apresentado excessivamente rigoroso, logo de início».

Informações posteriores, de origem alemã, confirmam a retirada.

A ofensiva nazi contra Moscovo havia principiado no dia 2 de outubro de 1941. As forças russas do centro e sul reconquistaram vastas extensões do território perdido.

A Guerra Universal

Ao lado dos Estados Unidos já muitas nações se colocaram. A Inglaterra em primeiro lugar, mesmo antes do Japão lhe declarar guerra, quando Churchill afirmou que qualquer acto de hostilidades contra a América arrastaria o seu país para o conflito. O Império não se bate para conquistas territoriais, nem por formas políticas de domínio. Combate pela liberdade mundial.

Agora ao lado dos Estados Unidos e da Inglaterra está o continente americano.

Pacífico

A guerra estende-se. O sistema politico A. B. C. D. funciona admiravelmente, congregando todas as suas forças navais e terrestres. China, Australia, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos. Soma e segue!

Leninegrado

Do «Seculo». Zurich, 7 — De Berlim comunicam a morte na frente de Leninegrado do general Otto von Kries, chefe do estado maior do corpo do exército do general von Leeb e de sete oficiais do seu estado maior (E. T.).

Trata-se dos oficiais que, superiormente, dirigiam as operações contra aquela cidade que faz hoje precisamente, cem dias principiam.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O grande exército feminino das fábricas

O depoimento é dum dos seus mais directos colaboradores, o major Pulman: "Lord Beaverbrook é um terror. Durante a madrugada, quando estamos no melhor do nosso sono, ouvimos tocar a campainha. Tanto pode ser para nos dar uma descompostura como para nos louvar, por qualquer acto que tivéssemos praticado. Quando as coisas parecem correr pior é quando êle se mostra mais bem disposto."

Beaverbrook assistiu ao drama pungente da França. Acompanhou, de perto, a retirada de Dunquerque; ia na compa-

nhia de Winston Churchill quando o Primeiro Ministro se avistou com Paul Reynaud na véspera da rendição. Encontrou apenas um comentário apropriado para caracterizar a situação:

— Estamos agora sôzinhos. Tanto melhor. Conhecemos o pior. Vamos trabalhar para que as coisas se modifiquem.

E nunca mais descansou. Ministro da Produção Aeronáutica, o esforço pessoal que desenvolveu contribuiu poderosamente para que, no seu penúltimo discurso, proferido perante os Comuns, Churchill pudesse anunciar:

— Alcançámos a paridade aérea com o Reich. Trata-se agora de continuar para conseguirmos uma superioridade esmagadora.

Lord Beaverbrook falou aos operários das fábricas de Clyde no dia 1 de Dezembro. Vinte e quatro horas depois, Churchill falava nos Comuns. Os dois discursos completam-se. Só lendo um se poderia compreender inteiramente o outro: Que disse, em resumo, Beaverbrook a um auditório de operários que o aplaudiram com delírio?

— A nossa produção de tanks aumen-

CHURCHILL CONVOCA TODA A NAÇÃO PARA A VITÓRIA

A MOBILIZAÇÃO DAS MULHERES



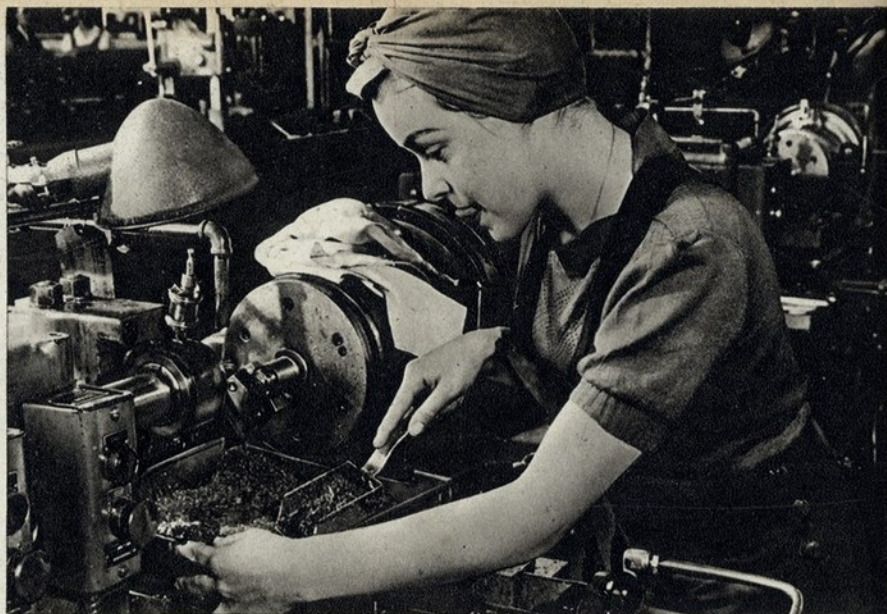
O trabalho feminino contribuiu poderosamente para a supremacia aérea da Inglaterra

ta incessantemente. Mas as tarefas que se nos deparam exigem de todos nós o cumprimento integral das nossas responsabilidades. A última semana de Novembro marcou o ponto culminante da nossa produção de tanks. Ainda me não considero satisfeito. Entre o dia 1 de Julho de 1942 e o dia 1 de Julho de 1943 é preciso que a Gran-Bretanha produza trinta mil tanks. Sei, de fonte segura, que era esse número de que a Alemanha dispunha quando iniciou a campanha da Rússia. É necessário que aproveitemos as suas perdas para conseguirmos, o mais rapidamente possível, em relação ao nosso adversário, a superioridade absoluta.

No dia seguinte, 2 de Dezembro, o primeiro Ministro falou nos Comuns para anunciar uma providência inédita na história da Gran-Bretanha. O serviço militar obrigatório seria alargado para os homens, ficando abrangidos por ele todos os cidadãos entre os dezóito anos e meio e cinqüenta e um anos. Ao mesmo tempo o governo desejava ver aumentado o serviço obrigatório para as mulheres. O parlamento e a nação acolheram a proposta governamental com provas inequívocas de aplauso.

São milhões de indivíduos de ambos os sexos que assim passam a estar mobilizados para o serviço activo do exército, nos seus serviços auxiliares e nas indústrias que trabalham para a defesa nacional.

Vai ser incorporada no activo parte



Uma linda rapariga numa fábrica de metralhadoras do Canadá

da classe de 1923. Muitos homens passam a prestar serviço em tarefas auxiliares libertando outros para as tarefas mais pesadas da luta. Milhões de mulheres ingressarão nas fábricas, nas oficinas, nos serviços auxiliares.

A tarefa que, sósinha, a Gran-Bretanha tomou sobre os seus ombros e que, hoje em companhia de aliados poderosos, deseja levar a termo é, efectivamente, das mais pesadas. As forças imperiais encontram-se concentradas ou batem-se em Singapura, na Malaia, nas Índias Holandesas, na Índia, ao longo do Próximo Oriente, no norte de África e na ilha britânica. A sua esquadra vigia ou domina o Pacífico e o Índico, o Atlântico e o Oceano Ártico, o Mar Mediterrâneo e o Mar do Norte. A sua aviação anda no céu da Rússia, da Europa Central e Ocidental, da África e do Extremo Oriente. Nunca, na história, um país de limitadas possibilidades humanas realizou um prodígio semelhante.

A hipótese duma invasão da metrópole não está inteiramente afastada.

Mas é evidente que ela deixou de ocupar nesse pensamento o seu lugar preponderante. Churchill deu claramente a entender que deseja que a Guarda Nacional fique reservada para acautelar a segurança da Metrópole e que o exército, hoje excepcionalmente adextrado e equipado, seja reservado para novos e mais árduos cometimentos. Enfrentando a iminência duma luta dura contra o Japão, no Oriente, desencadeando em África um ataque de grande envergadura, assegurando a defesa dos jazigos petrolíferos do Cáucaso, esse exército, está dia a dia, afirmando o seu excepcional valor. Que significa o discurso do Primeiro Ministro, proferido nos Comuns, complemento e explicação do que Lord Beaverbrook proferiu junto dos operários do Clyde? Que a Gran-Bretanha dispõe já hoje dos recursos materiais indispensáveis para equilibrar a luta, que amanhã terá aqueles de que necessita para a dominar. Ambos pensam na ofensiva que deve ser o corolário inevitável da defensiva em que a nação britânica se tem mantido.



Na Gran-Bretanha, as mulheres alistam-se na Guarda Nacional



CHURCHILL CONVOCA TODA A NAÇÃO PARA A VITÓRIA

A MOBILIZAÇÃO DAS MULHERES



O grande exército feminino das fábricas

O depoimento é dum dos seus mais directos colaboradores, o major Pulman: "Lord Beaverbrook é um terror. Durante a madrugada, quando estamos no melhor do nosso sono, ouvimos tocar a campainha. Tanto pode ser para nos dar uma descompostura como para nos louvar, por qualquer acto que tivéssemos praticado. Quando as coisas parecem correr pior é quando êle se mostra mais bem disposto."

Beaverbrook assistiu ao drama pungente da França. Acompanhou, de perto, a retirada de Dunquerque; ia na compa-

nhia de Winston Churchill quando o Primeiro Ministro se avistou com Paul Reynaud na véspera da rendição. Encontrou apenas um comentário apropriado para caracterizar a situação:

— Estamos agora sôzinhos. Tanto melhor. Conhecemos o pior. Vamos trabalhar para que as coisas se modifiquem.

E nunca mais descansou. Ministro da Produção Aeronáutica, o esforço pessoal que desenvolveu contribuiu poderosamente para que, no seu penúltimo discurso, proferido perante os Comuns, Churchill pudesse anunciar:

— Alcançámos a paridade aérea com o Reich. Trata-se agora de continuar para conseguirmos uma superioridade esmagadora.

Lord Beaverbrook falou aos operários das fábricas de Clyde no dia 1 de Dezembro. Vinte e quatro horas depois, Churchill falava nos Comuns. Os dois discursos completam-se. Só lendo um se poderia compreender inteiramente o outro. Que disse, em resumo, Beaverbrook a um auditório de operários que o aplaudiram com delírio?

— A nossa produção de tanks aumen-



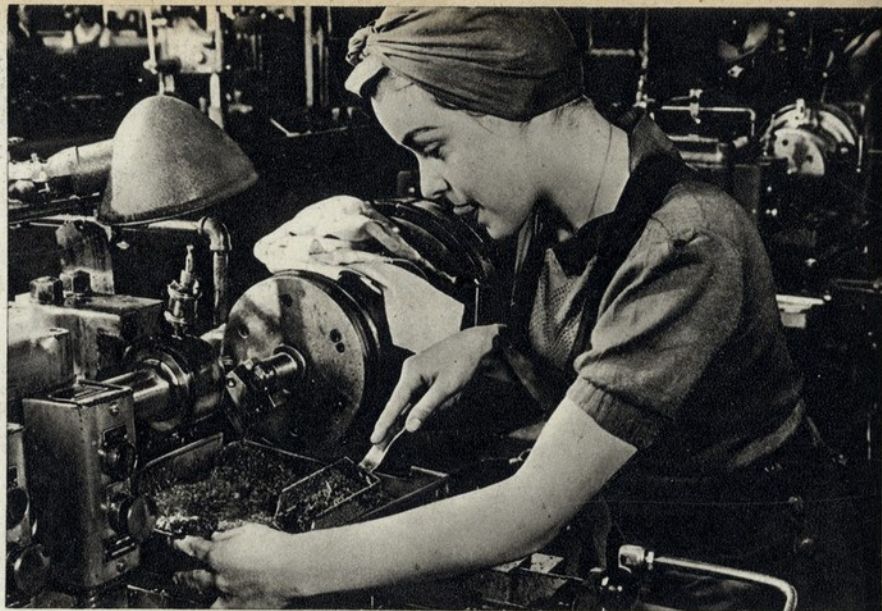
O trabalho feminino contribuiu poderosamente para a supremacia aérea da Inglaterra

ta incessantemente. Mas as tarefas que se nos deparam exigem de todos nós o cumprimento integral das nossas responsabilidades. A última semana de Novembro marcou o ponto culminante da nossa produção de tanks. Ainda me não considero satisfeito. Entre o dia 1 de Julho de 1942 e o dia 1 de Julho de 1943 é preciso que a Gran-Bretanha produza trinta mil tanks. Sei, de fonte segura, que era esse número de que a Alemanha dispunha quando iniciou a campanha da Rússia. E' necessário que aproveitemos as suas perdas para conseguirmos, o mais rapidamente possível, em relação ao nosso adversário, a superioridade absoluta.

No dia seguinte, 2 de Dezembro, o primeiro Ministro falou nos Comuns para anunciar uma providência inédita na história da Gran-Bretanha. O serviço militar obrigatório seria alargado para os homens, ficando abrangidos por ele todos os cidadãos entre os dezóito anos e meio e cinquenta e um anos. Ao mesmo tempo o governo desejava ver aumentado o serviço obrigatório para as mulheres. O parlamento e a nação acolheram a proposta governamental com provas inequívocas de aplauso.

São milhões de indivíduos de ambos os sexos que assim passam a estar mobilizados para o serviço activo do exército, nos seus serviços auxiliares e nas indústrias que trabalham para a defesa nacional.

Vai ser incorporada no activo parte



Uma linda rapariga numa fábrica de metralhadoras do Canadá

da classe de 1923. Muitos homens passam a prestar serviço em tarefas auxiliares libertando outros para as tarefas mais pesadas da luta. Milhões de mulheres ingressarão nas fábricas, nas oficinas, nos serviços auxiliares.

A tarefa que, sósinha, a Gran-Bretanha tomou sobre os seus ombros e que, hoje em companhia de aliados poderosos, deseja levar a termo é, efectivamente, das mais pesadas. As forças imperiais encontram-se concentradas ou batem-se em Singapura, na Malaia, nas Índias Holandeses, na Índia, ao longo do Próximo Oriente, no norte de África e na ilha britânica. A sua esquadra vigia ou domina o Pacífico e o Índico, o Atlântico e o Oceano Ártico, o Mar Mediterrâneo e o Mar do Norte. A sua aviação anda no céu da Rússia, da Europa Central e Ocidental, da África e do Extremo Oriente. Nunca, na história, um país de limitadas possibilidades humanas realizou um prodígio semelhante.

A hipótese duma invasão da metrópole não está inteiramente afastada.

Mas é evidente que ela deixou de ocupar nesse pensamento o seu lugar preponderante. Churchill deu claramente a entender que deseja que a Guarda Nacional fique reservada para acautelar a segurança da Metrópole e que o exército, hoje excepcionalmente adextrado e equipado, seja reservado para novos e mais árduos cometimentos. Enfrentando a iminência duma luta dura contra o Japão, no Oriente, desencadeando em África um ataque de grande envergadura, assegurando a defesa dos jazigos petrolíferos do Cáucaso, esse exército, está dia a dia, afirmando o seu excepcional valor. Que significa o discurso do Primeiro Ministro, proferido nos Comuns, complemento e explicação do que Lord Beaverbrook proferiu junto dos operários do Clyde? Que a Gran-Bretanha dispõe já hoje dos recursos materiais indispensáveis para equilibrar a luta, que amanhã terá aqueles de que necessita para a dominar. Ambos pensam na ofensiva que deve ser o corolário inevitável da defensiva em que a nação britânica se tem mantido.



Na Gran-Bretanha, as mulheres alistam-se na Guarda Nacional



O MODÉLO DO ARTISTA

É no silêncio, a mulher feita estátua cumpre a missão de glorificar a beleza, deixando-se copiar na eternidade do mármore

TRÊS SECULOS DEPOIS

FOI há trezentos anos que, da oficina de Lourenço de Anvers, saiu o primeiro periódico noticioso publicado em Portugal. Viviam-se ainda dos tempos agitados que sucederam à madrugada gloriosa de 1 de Dezembro de 1640, quando a gente portuguesa teve o seu primeiro jornal, a «Gazeta», chamada «da Restauração». Depois, são a «Gazeta de Parnasso», em 1649, o «Mercurio», em 1663, as «Notícias Católicas e Políticas da Inglaterra», em 1687 e tantos outros que aparecem. Trezentos anos, enfim, de uma existência de lutas evidenciando, dia a dia, o valor da Imprensa sob todos os aspectos da vida social, económica e política de uma nação.

O público de Lisboa assistiu, através das exposições organizadas pelas entidades competentes, à evolução do jornalismo, desde aquelas modestas fôlhas impressas nos prelos de madeira em que os maiores acontecimentos se relatavam em meia dúzia de linhas, como o terramoto de 1755 que a «Gazeta» noticiou três dias depois, até os grandes diários de hoje, saídos em torrentes de gigantescas rotativas — o jornal em toda a plenitude da sua expansão.

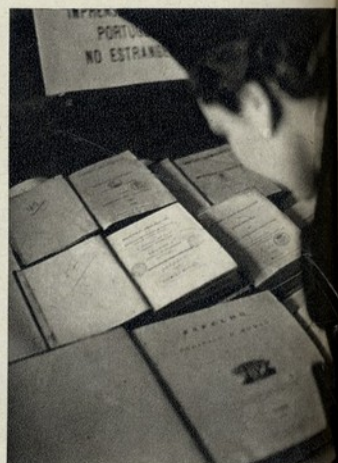
E o jornal — são do dr. Joaquim Manso estas palavras — «é tão conforme à idade contemporânea como a onda do oceano. A curiosidade humana nutre-se dêle, pede-lhe diariamente um alimento contra o tédio, a solidão e a tristeza insanável dos que atiram para o ar as suas ansiedades e nada recebem em resposta, senão a indiferença e o vacuo. Ele retine nas suas páginas uma riqueza apetecida e saboreada, embora fugaz, colhida na terra inteira. Não existe seara rica que cresça e amadureça mais depressa; os grãos de ouro brilham aos nossos olhos, ainda que as nossas mãos frementes os não possam apanhar».



Na notável exposição do Século vê-se num admirável quadro evocativo, uma tipografia do século XVIII, com o seu prelo característico



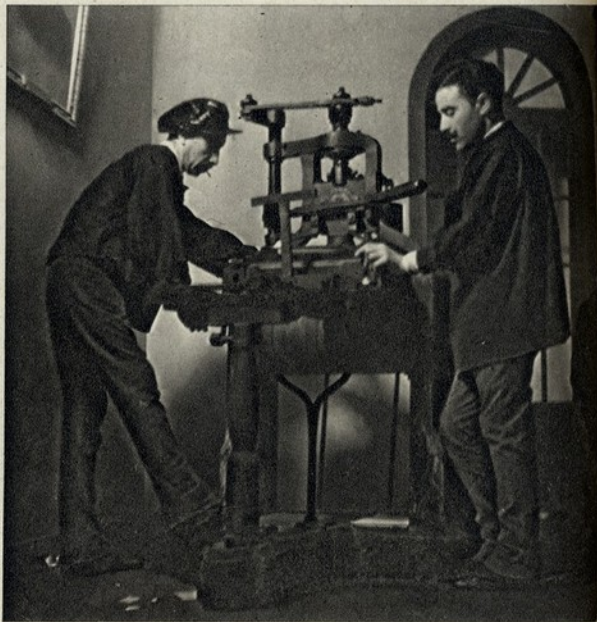
Na Biblioteca Nacional, os primeiros exemplares da «Gazeta», que começou a publicar-se em 1641



A difusão do pensamento português. Edições inglesas de obras nacionais



Na secção de encadernações que a Biblioteca Nacional expõe, veem-se notáveis obras de artistas portugueses



O prelo de ferro do século XIX que as grandes rotativas substituíram e que também figura na exposição do Século

A OFENSIVA INGLÊSA NA LÍBIA



Os conquistadores da Cirenaica. O comandante de uma coluna indica os pontos de ataque para a tomada de Sidi Resegh, que permitiu a ligação dos heroicos defensores de Tobruk com o grosso das tropas imperiais



O misterioso comandante X, o novo Lawrence inglês, cuja figura se tornou lendária no Oriente



Foram estes tanks das forças britânicas que, num raid temerário, cortaram as comunicações entre Benghazi e Tripoli, na estrada do litoral



Estudando a topografia do terreno, no oásis de Agiula, coração da Líbia. Esta flecha inglesa alcançou brilhantemente o seu objectivo



Começou a batalha. Os tanks ingleses fazem explodir as minas inimigas e avançam contra as tropas do "Eixo", cercando numerosas formações motorizadas

U.S.A. EM GUERRA



A América será sempre um país livre. O pensamento de Abraham Lincoln é o mesmo do grande Presidente Roosevelt



Os canhões troam no Oriente. Singapura inexpugnável tem destes poderosos canhões que já repeliram a esquadra japonesa nas suas tentativas de domínio no Pacífico



A Aviação americana patrulha os mares. Os seus aviões gigantes, verdadeiros cruzadores aéreos, chegam a tôda a parte. O piloto avista uma esquadra do seu país



Marinheiros americanos! Alegria, audácia, juventude e aquela decisão que, na outra guerra, rompeu as linhas alemãs em França



Uma formação australiana de "Lockheed Hudson," voando sôbre uma esquadra inglesa



Singapura é uma caractera de fogo para quem ousar aproximar-se dela. Uma peça anti-aérea



A grande esquadra dos Estados Unidos domina o Pacífico. A bandeira gloriosa das estrelas drapeja com orgulho nestas poderosas naveas que simbolizam a liberdade do continente americano



A manada atravessa lentamente o rio

TERRA BRAVA

RIBATEJO, terra brava, de touros bravos, de águas bravas quando inundam as terras, de bravos campinos, rápidos em seus cavalos e ágeis nos movimentos dos seus pampilhos e nos passos do seu fandango, homens de colête encarnado e barrête vêrde, as côres da sua terrá quando os pastos das lezírias estão matizados de papoilas.

Terra de silvados bravos que os homens houveram de desbravar, numa luta que vem de há séculos. De Cira — mata de silvados — vem o nome à vila mais representativa do Ribatejo, franca porque D. Sancho lhe deu franquias quando a doou aos flamengos, ou franca por serem chamados francos to-

(Continua na pág. 27)



O sol da lezíria dá êstes lindos frutos

(fotos de José Van-Zeller Pereira Palha)

Sapeando as rédeas, pampilho em riste, o bravo campino, incitando o toiro, espera a arremetida





Os campinos são um povo nômade. Por vezes acampam nas insuas do Tejo onde constroem estas casas de palha

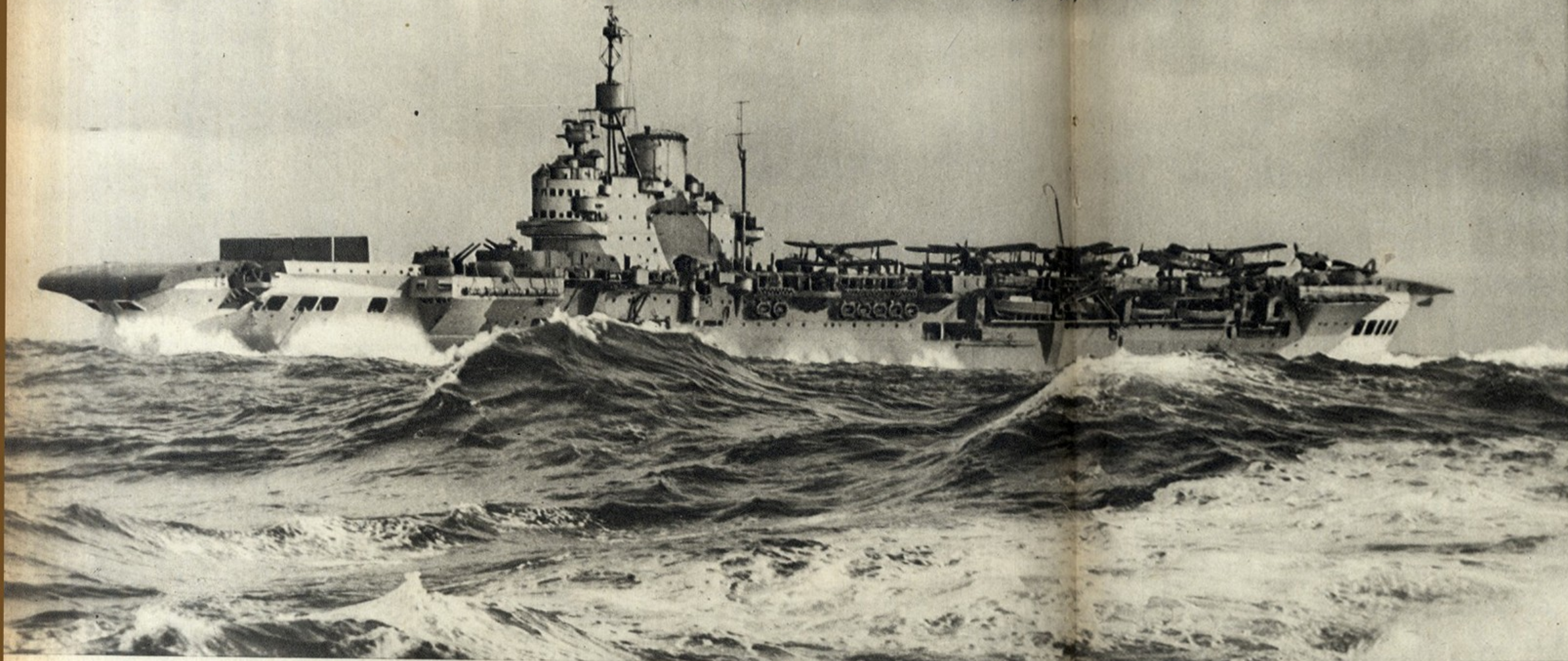


Dois bons amigos. Uma boa «faca», de jarretes vigorosos; o cavaleiro de pampilho ao ombro e a leziria é deles

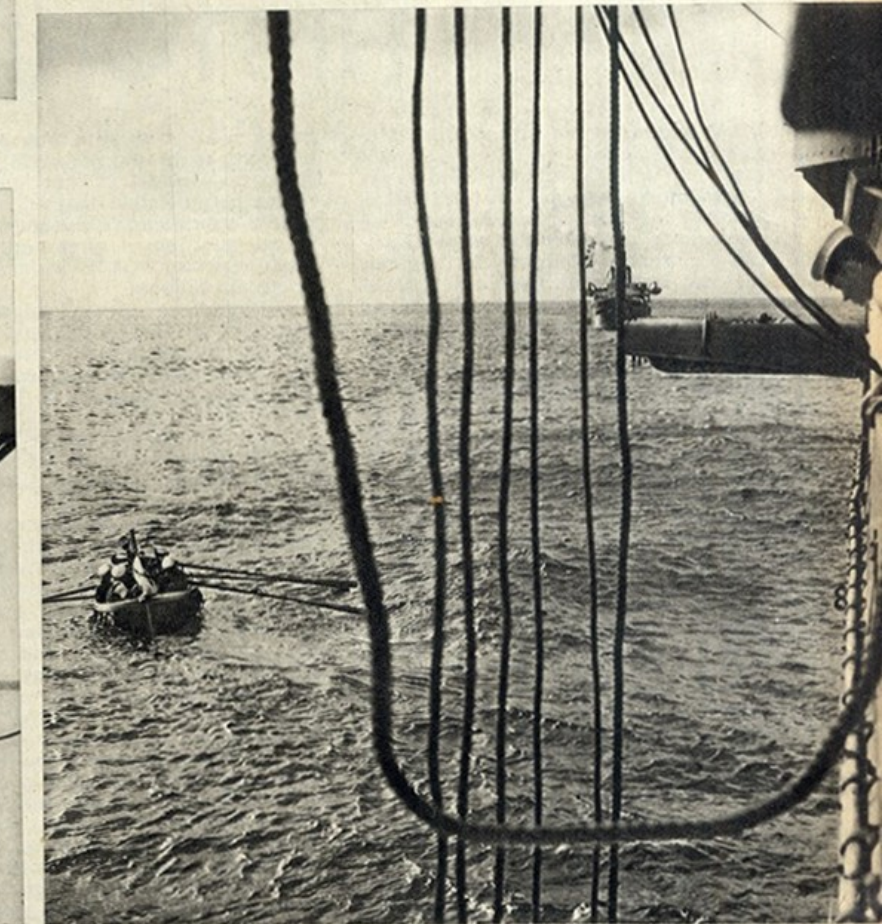
Os cavalos são como a terra, bravios e generosos. Com uma zela dominadora, tanto servem para as tardes sangrentas das touradas como para as pradarias douradas do Tejo



NELSON NOS MARES



Numa base de submarinos britânica. Cinco torpedos de bom aço inglês carregados de altos explosivos. Cinco navios do "eixo", que vão morrer no mar



A polícia dos mares. Todos os navios mercantes que se tornam suspeitos são vistoriados pela armada inglesa. O escalar da unidade de guerra dirige-se ao barco que foi mandado parar

O poder dos mares está agora, mais do que nunca, na posse da Inglaterra e dos Estados Unidos. As maiores esquadras do mundo uniram-se para esmagar os seus inimigos. Incessantemente, o poderio das duas frotas é aumentado com numerosas e gigantescas unidades. Eis o formidável porta-aviões "Victorious", que tomou parte no afundamento do "Bismark", e no raid a Petsamo. O "Victorious", que é da classe do "Illustrious", é uma maravilha da construção naval britânica. Ignora-se o número de aviões que transporta parecendo, porém, que tem mais esquadilhas do que qualquer dos outros em serviço



No estreito de Malaca, linha vital do Império, o inimigo não passará. Um lança minas em ação



Um leão dos mares. O terrível couraçado britânico "Malaya", cuja acção nesta guerra tem sido notabilíssima, saindo magestosamente do porto de Nova-York para mais um cruzeiro glorioso



Os famosos hidro-aviões "Catalina", voam, agora, em formações cerradas, sobre os mares do Oriente. Uma daquelas gigantescas aeronaves num porto da Austrália



Os canhões do navio inglês "La Nymphe", que, na foz do Tejo, se bateu valorosamente, contra a invasão napoleónica

UM TÚMULO HISTÓRICO

HÁ tempo quando se procedia a trabalhos na costa junto de Paço de Arcos, descobriu-se o cavername dum navio ainda artilhado e cujas características indicavam época já remota. Relacionou-se o aparecimento daqueles despojos náuticos com o chamado «Túmulo do Inglês», existente no recinto da Escola de Torpedos, melo encoberto pela muralha e não se deu cabal explicação acêrca da jazida. Tampouco se procurou saber mais alguns pormenores relativos ao navio.

O epitáfio foi gravado no sepúlcro, em inglês, e diz: «Este momento é consagrado à memória do cavaleiro Conway Shiply, da idade de 25 anos. Foi capitão do navio de S. M. B. «La Nymphe» e morto no ataque duma embarcação de guerra inimiga, perto do Tejo, no dia 22 de Abril de 1808. Acasos que a sabedoria humana não pode prever, nem qualquer esforço evitar, malograram o ataque e terminaram a curta mas distinta carreira do seu comandante. Enquanto, porém, existir o seu nome nos anais da fama e na lembrança da sua pátria, é de esperar que os homens bons e valentes, de qualquer nação, venerem as suas cinzas e contemplem respeitosos a última morada do herói».

Os franceses, comandados por Junot, tinham-se apossado de Portugal. A família real e a corte estavam no Brasil; o que havia de valoroso no exército fôra enquadrado nas legiões de Bonaparte. Ganhariam glória que lhes amargava.

Os ingleses tinham sido condenados, na terra ocupada pelos invasores: sequestravam-lhes os bens, os lares e prendiam-nos.

A guerra era contra a Inglaterra que Napoleão I desejava aniquilada. Quería

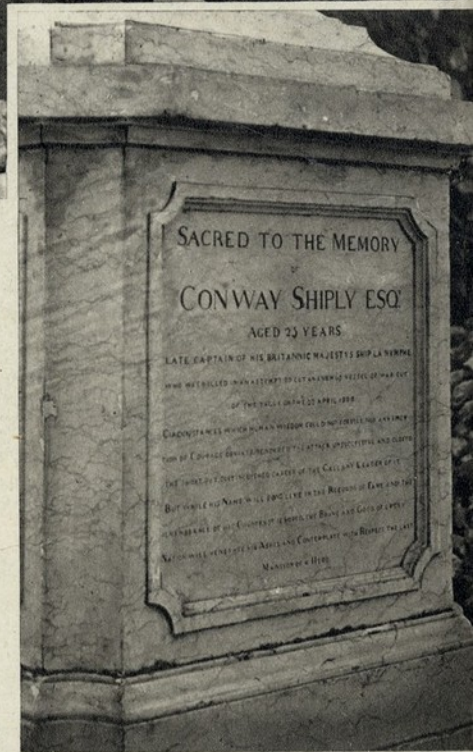
bloqueá-la; reduzi-la aos seus recursos até que, esgotada, perderia o seu grande lugar no Mundo. O fatal curso engenharia na luta os melhores anos da sua existência, sacrificando milhões de homens à telma que nem sequer representava um ideal superior. Os navios ingleses bloqueavam Lisboa.

Mangedie, chefe da resignada marinha francesa, praticava prodígios com os barcos de que dispunha, e em cujo número entravam algumas fragatas portuguesas abandonadas, quando da largada para o Brasil.

A *Ordem do Dia do Exército de Portugal*, de 24 de Abril de 1808, assinada por Junot, referia o que se passara nas vésperas:

«O General em chefe satisfeito do modo como se portou a equipagem da corveta de S. M. Imperial e Real a «Galvota» comandada por mr. le Blond Plasson, tenente de mar, na acção que houve, na noite de 22 para 23 d'êste mês, entre a dita corveta e cinco pinques ingleses amarinados por mais de cento e cinqüenta homens se apressa a dar a conhecer ao exército, pela sua *Ordem do Dia*, as particularidades seguintes:

«Pelas duas horas da manhã cinco pinques ingleses abordaram a «Galvota» por duas diferentes vezes, mas de cada vez foram repellidos à arma branca e a tiro de pistola. Da terceira vez, tentaram os pinques a abordagem; porém, o fogo da corveta foi tão vivo e tão bem dirigido que não cuidaram em mais que em salvar-se, abandonando todos da sua companhia que se achavam ainda embaraçados nas rédeas e ovéns os que tiveram de ser lan-



O túmulo do bravo capitão Conway Shiply, em Paço de Arcos, onde se perpetua a sua gloriosa façanha

çados ao mar. Nessa ocasião perdeu o inimigo pelo menos quarenta homens, especialmente o oficial comandante da expedição que foi morto por mr. le Blond Plasson ficando o seu chapéu e pistola em poder do comandante de marinha.

A equipagem da «Galvota», principalmente capitaneada pelo tenente Gorgon e dois marinheiros franceses velejaram com muito valor.

O jazigo à beira da costa portuguesa, em Paço de Arcos, que guarda o pó de Conway Shiply, comandante da «Nymphex», representa um modesto mas venerado monumento ao valor dum heróico e jovem marinheiro que morreu a combater pela libertação de Portugal no dia de S. Jorge, evocado como patrono comum dos exércitos das duas nações através dos tempos, desde que Portugal renegara o brado por S. Tiago.

ROCHA MARTINS



Um avião alemão abatido na frente Leste

A CAMPANHA DE LESTE

O INVERNO NA RÚSSIA

O comunicado oficial alemão de 7 do corrente anunciava que, a partir daquele dia, as operações militares na frente leste passavam a estar dependentes do inverno, excepcionalmente rigoroso este ano. No dia seguinte uma informação alemã, de origem oficiosa, acrescentava que a tomada de Moscovo se realizaria na próxima primavera, após o descanso imposto pelas exigências e rigores do clima. O comunicado oficial do dia 8 limitava-se a assinalar episódios de carácter local, sem importância. Os comunicados de origem russa, correspondentes às mesmas datas assinalam progressos das forças militares ao longo de toda a frente de batalha. Em 10, os alemães informavam que no sector sul se registava a estabilização das posições adversárias à volta da cidade de Tangarof.

A temperatura assinalado pelas duas fontes de informação opostas é sensivel-

mente a mesma. No sector de Moscovo 30° negativos. No sector norte de Leninegrado a Murmansk temperaturas mais baixas. Do sul não há indicações precisas. Para o interior do país o registo baixa sensivelmente entre 30° e os 40° negativos. Em Kubyshev (Samara) e em Kazan registaram-se temperaturas maiores. Este factor decidiu da fase actual da batalha de leste.

Qual era o estado do frente oriental no momento em que, as operações entraram numa nova fase? Em 22 do corrente completam-se seis meses sobre o início do prélio gigantesco que pôs em presença os dois maiores exércitos do mundo. Com um ritmo acentuado esse prélio prosseguiu durante cento e sessenta dias. Os dois adversários tencionam renová-lo logo que as circunstâncias e o tempo o permitam. Para isso, terá de decorrer um prazo mínimo de alguns meses.

Que se passará entretanto, e que novos factores surgirão para influenciar a marcha duma guerra que envolve, neste momento, todos os continentes e todos os oceanos?

As tropas alemãs e os seus aliados que se associaram oficialmente ao Reich na campanha oriental (Finlândia, Hungria, Romênia e Eslováquia) ocuparam uma parte importante da Rússia europeia. Mas não puderam conquistar as principais cidades soviéticas (Leninegrado e Moscovo) nem os portos mais valiosos (Cronstadt, Sebastopol e Batum) nem os centros de produção essenciais (Cáucaso e Donetz).

Sob o ponto de vista puramente militar o Estado maior alemão assinalou, desde a primeira hora, um objectivo capital: a destruição dos exércitos soviéti-

(Cont. na pág. 30)



O Pai Natal, este ano, tráz um fato novo

NATAL 1941

PARA mim, a saúde não é informe; nem se alberga tôda nos pingos das lágrimas, como ensinam os poetas fadistas ao quererem corporisá-la; nem no sabido lencinho a acenar; nem no escaler a largar de manso, como um pato; nem no combóio a arrancar, búfalo acendido... Nem no finar do sol!

O que a saú lade principalmente é para mim, mora em lembranças do Natal beirão. A casa antiga donde era menino, chegavam vozes a cantar as Festas na noite negra e sortilega. Pequenos e raparigas pobres trovavam ao portão a narrativa de oiro da Natividade:

*«Era a Virgem pobrezinha,
Nem enxovalzinho tinha!
Desceu um anjo do Ceu,
Rico enxoval lhe trazia,
tecido do melhor pano,
feito de cambraia fina...»*

A velha Maria Bárbara, que Deus haja, mandava as outras criadas informar-se de quantos eram os componentes do ingênuo coral — para, conforme, dosear as rações de maçãs, figos e pêras secas, nozes, castanhas e vinho doce, a distribuír. Sem descontinuarem, os cantores eram providos. Só depois chegavam as homenagens pessoais aos senhores da casa, a mim e aos serviçais. A quadra que me cabia era uma destas duas (sempre, sempre!)

*— «Viva o menino.....,
Com botas de cordovão. (!)
Tôdas as moças bonitas
vão parar à sua mão.»*

Imagine-se! Andava pelos meus oito anos... Ou:

*— «Viva o menino.....,
vestido de rosmaninho.
No meio da sua sala,
parece um Sant'Antoninho.» —*

À Maria Bárbara, com mais de oitenta Invernos, trôpega e engelhadinha, o preto subia invariável:

*— «Viva a sôra «Mari-Barb»,
côrada como a cereja.
É a mais bonita flôr
que entra na nossa igreja.» —*

Pairava, intenso, um aroma de canela — as «rabanadas» — de maizena e de alecrim... Chiava azeite na cozinha; os primos e eu, atrapalhados de lambarices, éramos uns «Sant'Antoninhos» bem turbulentos e deslumbrados com o tresnoitar inusual. O côro ouvia-se mais longe, à porta do Visconde...

Imaginativo e precoce, chegado a uma janela, cuidava aparecer-me, no céu salpicadinho, uma estrela maior do que as mais.

Vinha a hora da Ceia...
...E é isto hoje, para mim, a essência da saúde.

Universal e pluriforme, Presépio, Pére-Noel ou São Nicolau. — O Natal é cromo e sugestão. O saco dos brinquedos, a noite mal dormida dos Bêbês que localizam no



Noite de Natal



Mamã! Ai vem o Pai Natal!



O presente da avózinha

sapatinho a primeira ambiciosa ânsia, a Missa-do-Galo, as broinhas-de-espécie, os sinos das tórres e as plantas de pegueiros, lóas singelas da minha Parada de Gonta ou acordes transcendentalis e místicos de órgão em catedral, doçarias e fogueiras, pinheirinhos luzentes e montras de bazar — tudo converge e se adiciona, em heterodoxia barulhenta, como cortejo dispar, guiado pelo Astro que os Magos viram — e eu supus ver, aos oito anos... — para «hossanahs» à Era de Irmandade, coeva do Menino que nasceu.

Velas bentas de altares, com verrugas e canceluras de cera; velas coloridas e pagãs implantadas nos ramos de agulhas verdes — não valem, decerto, o mesmo. Aquelas são auréolas de florilégio, visi-

nhas de sacrários e imagens de mártires: estas convivem em gargalhar mundano e baila-se-lhes ao redor. As bolas, roxas, vermelhas e prateadas, da árvore, não simbolizam o mundo, tão altamente como a esfera azul que Jesus sustenta na mão pequenina. E os farrapos de algodão branco no pinheiro adolescente cingem-se a modesto arremedo da neve imaculada e rude que enfeita de bênçãos os seus irmãos bravios, colares das cordilheiras.

Mas o que vale à estearina cromada, ásperita de adorno, aos flocos postiços — é ser Natal e pousarem-lhes olhares cristalinos de crianças.

Crianças apenas mais velhinhas do que Jesus.

RODRIGO DE MELLO



Um «jardim zoológico» em miniatura que vai fazer a alegria das crianças que puserem o seu sapatinho na chaminé

FIGURAS E FACTOS



O sr. Presidente da República condecora os mais antigos jornalistas portugueses



Miss Astra Desmond durante o seu recital em S. Carlos



As comemorações do 1.º de Dezembro no Porto



No Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII, o prof. dr. Marcelo Caetano fala à Mocidade Portuguesa



A ilustre artista polaca Wanda Ostrowska, cuja exposição de desenho de motivos portugueses alcançou grande êxito no Porto

PORTUGAL ATRAVÉS DA GRAVURA INGLÊSA



Sintra tem inspirado os melhores poetas e artistas da Inglaterra. Uma gravura da Penha, feita por um inglês, que tem a beleza de um quadro romântico



No paraíso que Byron cantou, este lindo trecho rústico do século passado foi fixado, com deliciosos pormenores, por outro artista britânico



O mundo escuta-o

Memórias de Churchill

A BATALHA DE MAMUND

PELA primeira vez, apercebi-me de que éramos muito poucos: cinco oficiais ingleses, incluindo eu, e talvez oitenta «sikh». Era tudo. Encontrávamos-nos no fundo do terrível vale de Mamund, a subir com dificuldade uma montanha, para irmos castigar a aldeia mais distante. Eu tinha saído há pouco de Sandhurst. Esquecera as recomendações do nosso instrutor contra o perigo de dispersar forças. Era impressionante o contraste entre as precauções tomadas de manhã para proteger o grosso das nossas forças, ao deixarmos o acampamento, e a posição actual daquele punhado de homens. Entretanto, como geralmente acontece aos jovens loucos, apesar da iminência do perigo eu desejava apenas que se produzisse qualquer coisa de excitante. A Providência ia dar-me satisfação.

Alcançamos, finalmente, as casas da aldeia. Estava deserta, como as outras. Ficava na extremidade do contraforte e estava ligada ao maciço montanhoso por uma larga faixa de terreno. Eu, com outro oficial e oito «sikh», colocámo-nos no lado da aldeia que dava para a montanha, enquanto o resto da companhia, depois de ter revistado as casas, se sentava para descansar. Decorreu um quarto de hora sem que nada de importância se passasse. Foi nesta altura que chegou o capitão da nossa companhia.

«Vamos retirar-nos, disse ele ao subalterno. Vocês ficam aqui para cobrir a nossa retirada até tomarmos posição naquele montículo que fica por baixo da aldeia.» Em seguida, acrescentou: «Os indígenas não chegam e o coronel está convencido de que aqui nos encontramos mais expostos.»

Esta afirmação pareceu-me perfeitamente justificada. Presumi que, em seguida, o grosso da companhia se retirou da aldeia para o tal montículo. Mas, onde estava, não os podia ver.

De repente, a encosta da montanha animou-se. Por detrás dos rochedos luziam espadas; aqui e ali fluíam bandeiras. Na nossa frente, pelo declive das rochas, elevou-se uma dúzia de flocos de fumo branco, muito dispersos. Ouviam-se algumas explosões para aquele lado. Do alto da crista escarpada, a mil, dois mil ou três mil pés por sobre as nossas cabeças, surgiam silhuetas brancas ou azuis que iam duma saliência do rochedo a outra, como macacos que se pendurassem nos ramos duma árvore alta. Em todas as direcções ouviam-se gritos agudos: «Yi! Yi! Yi! Bang! Bang! Bang!»

A colina encheu-se de manchas brancas de fumo enquanto as silhuetas se aproximavam de nós. Os oito «sikh» abriram, pelo seu lado, um fogo cuja intensidade aumentou. As silhuetas hostis continuavam a descer da montanha. A pouca distância de nós começaram a juntar-se dezenas de homens. Eram alvos excelentes demais para resistirmos à tentação de atirar. Peguei na espingarda do «sikh» que estava junto de mim. Ele pareceu ficar satisfeito por me

(continua na pág. 29)



Churchill, o construtor da vitória



A ROTA DA ESQUADRA AMERICANA NO ATLÂNTICO



UMA PATRULHA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA



A VALOROSA MARINHA DE GUERRA DO CANADÁ, VIGIA AS COSTAS DO PACÍFICO E DO ATLÂNTICO

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

O QUE SE USA

Nos chapéus, o tricorne com tule bordado tombando atrás, a cartola de abas muito erguidas e quasi coladas à copa, a hipótese feita em arminho ou marabu e as grandes laçadas ou coifas envolvendo os cabelos atrás.

Os casacos curtos usam-se, para ligeiro, em ratine ou em fazenda de cor viva e para tarde, em pele. O bolero não se vê muito este ano; desce mais abaixo, tapando a cintura.

Com um *tailleur* escuro poderão usar-se coletes de várias cores e em escocês que variarão o conjunto.

Ainda se adopta a mistura da lã e do *tricot*, formando a primeira a parte da frente do corpo ou o encaixe ou as mangas, conforme se preferir.

O vestido de lã, singelo, é o que se põe sob o casaco de abafo: saia curta, com prega funda à frente e atrás imitando a saia-calça.

Como guarnição empregam-se as cores: tomate, verde-esmeralda, azul-violáceo.

Para rapariga, é graciosa uma *toilette* de saia e bolero em azul escuro, por exemplo — tôdas as costuras são debruadas a vermelho.

Nas blusas, bordam-se monogramas, escudos, flôres. Algumas, de noite, apresen-

tam uma grinalda de rosas que vem dos ombros e fecha no meio do peito, dando um aspecto verdadeiramente feminino e gracioso.

Alguns casacos, muito originaes, apertam atrás com botões; na frente, têm um grande bolso chato.

Para senhoras magras, ficarão bem os vestidos de seda com uma tira vertical à frente e atrás; os panos dos lados prendem-se nesses, todos franzidos.

O *jersey* e o crepe são, este Inverno, misturados com fios de lã fibрана ou ângora, tornando-se assim mais quentes, podendo-se, com os vestidos com êles executados, ir tomar chá numa casa sem aquecimento.

CASA QUEY

Hosiery Spécialists

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
R. SERPA PINTO, 18

As capas vêem-se muito e imprimem sempre distinção; algumas formam a parte trazeira do casaco, dando-lhe novo aspecto, outras caem soltas dos ombros.

Para a noite, os tecidos continuam a ter a primazia da qualidade: crepe bordado a fio de ouro, *moires* de cores suaves em fundo prateado, musselinas estampadas com desenhos rebordados a metal, cetim ou *peau d'ange* cobertos de motivos cintilantes, *lamés*, damascos, *brochés*, *cloqués* — tudo isto aliado à marcante magnificência das peles lúxuosas e ricas.

Os Flagelos do Inverno

Mãos roxas

Nariz vermelho

São dois males muito desagradáveis, êstes que vêm com o frio.

O nariz vermelho é quasi sempre devido ao mau funcionamento do tubo digestivo (estômago, fígado, intestino) ou dos ovários. Também há quem atribua essa vermelhidão a excesso de trabalho, a qualquer excitação cerebral e a comidas picantes e bebidas alcoólicas.



Um elegancia casaco de peles



As peles de pantera continuam na moda

Quanto ás mãos, que tortura vê-las rôxas, inchadas, sem as poder esconder!

Também neste caso é preciso fazer um tratamento interno que o médico indicará.

Localmente, far-se-ão massagens, indo dos dedos para o braço e tendo, quanto possível, as mãos erguidas para o ar. Banhos descongestionantes, alternados, de água fria simples e de água quente com mostarda. Fricções de álcool canforado e aplicações de raios ultra-violetas. Se as frieiras surgirem, aplicar esta loção diariamente:

Tanino	2 grs.
Ictiol	2 grs.
Resorcina	2 grs.
Água de rosas	10 grs.



QUANDO ESTIVER COM UM CIUMENTO



Tem que se dedicar a uma estratégia especial para não ter um ar acanhado, opresso, como de quem não se pode mexer livremente.

— Se quiser olhar para a esquerda, fixe obstinadamente um ponto à direita.

Ele olhará para a direita e enquanto perscruta como uma flecha, poderá olhar tranquilamente para a esquerda.

— Nunca lhe diga que fulano veste bem ou que é inteligente.

Porque desejará logo levá-la do sitio onde estão, para outro, deserto.

— Já sabe que ele ficará amuado toda a noite, portanto não estreie esse chapéu exótico quando saírem juntos. Além de lhe fazer uma cena, obrigá-la a

dizer que deseja ir para casa, por ter a noite estragada.

— Não se mostre exuberante quando chegarem essas pessoas amigas. Porque dirá que se aborrecia, estando só com ele.

— Quando o telefone tocar, peça-lhe sempre para atender. Escusa de estar alguns minutos sobre alfinetes, a perguntar-lhe: «Quem é?» e poupa-lhe o incômodo de lhe retransmitir toda a conversa, o que é enervante para si e para a pessoa que falou.



TERRA BRAVA

(Continuação da pág. 14)

dos os que vinham de além Pirinéos.

Terra tão difícil de desbravar que os próprios flamengos ou francos desistiram do intento, abandonando-a a nova doação, a que aproveitou a D. Froila de Emiges que também havia de abandonar aos Templários. São ingleses os que em 1160 povoam a terra brava à qual, lembrando-se da sua, chamam Cornwalha.

Por lá passa o Rei-lavrador, estudando a terra brava a caminho de Leiria, do Paço de Monte Real, ou de visita às Caldas, cujas águas a Rainha fazia aproveitar. Deram também bravas as águas do Ribatejo na riqueza dos seus peixes. A D. Diniz ofereceram os pescadores de Muge um peixe que pezava 17 aarôbas e que o rei mandou reproduzir numa táboa destinada à Torre de Tombo.

E a Vila Franca de Cira foi Cristóvão Colombo, de volta da América que descobriu por confiança portuguesa. E pela terra Vilafrancada passaram os reis que iam caçar e correr touros em Salvaterra. E de Vila Franca de Xira saíram os mais famosos touros bravos da Península, os mais duros e poderosos, os de Palha Blanco.

Mas, «a pavorosa ganaderia do português snr. Palha, bem criada, grande, poderosa, é para a toureiria andante uma desconcertante visão de terror», e em 1917 já só a lidam, porque outros a regeitam, toureiros valentes como «Laita» e «Alé». E de aí para cá não há toureiro que queira ver «los terroríficos Palhas», touros da Ribatejo, da Terra Brava.

Aquêl Senhor D. José Palha Blanco, de gosto para a cultura de terra brava, para a criação dos touros e para os gestos do Ribatejo, como foi a da inauguração da capela de S. Isidro em terras da sua lavoura, deixou um néto

que lhe herdou as qualidades, o amo, à terra do «colête encarnado». título da festa que imaginou na terra brava. E de Carlos Relvas, que noutro lavrador — Frederico Bonacho — já tiveram continuados, é o sr. José Wanzeller Pereira Palha discípulo no gosto pela fotografia artística regional, pela reprodução mais exacta e mais bela da terra brava, da sua brava gente e dos seus touros bravos. E compraz-se em achar aspectos novos e novos encantos terras fertilíssimas de além do Tejo, para lá do Cabo, as de Tancos, onde os touros investem bravos aos desafios prodigiosos dos campinos, firmes as pernas em seus cavalos e os braços no manejo dos seus pampilhos. E jóca as choupanas dos campinos e éstes nas dos seus iares, e as suas atitudes no campo.

E surpreende, em seus movimentos, cavalos e as éguas alleiras e os mais nos cuidados dos seus poldros recém-nascidos, que parecem girafas pela desproporção do pescoço e dos membros inferiores.

E tem cuidados merecidos com as raparigas bonitas da terra brava, caras alegres, prazenteiras, garridas no vestuário, desenvoltas. A algumas fá-las poisar em fundos que as completam, que lhes dão ambiente próprio, os da terra brava e os das águas que a fertilizam, e que a inundam quando as chuvas engrossam o Tejo e se precipitam sobre as sementeiras.

Para suavisar estas tragédias da terra brava e das águas bravas, encontra José Wanzeller Pereira Palha outros aspectos amáveis na outra margem de aquém do Tejo, onde tem os mimos dos seus jardins de buxos recortados à maneira antiga, de azulejos caprichosos de pontes murmurosas que evocam os árabes que por ali passaram noutros tempos.

Rogério Perez



AJOURS
BOTÕES

BORDADOS
TINTURARIA

Albina Marques

(ex - M.^{me} Gonçalves)

TINJA EM CASA COM



PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

ARTIGO DE ESCRITÓRIO

Casa especializada em livros
PARA

ECRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de Fantasia
PARA

ESCRITÓRIO

MATERIAL DE DESENHO

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta, lapiseiras, carnets, albums para fotos, pastas para mensagens, livros para visitantes, etc., etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria

PRESENTE DE NATAL

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

OS dois casebres ficavam mesmo em frente um do outro.

— Dá-me licença, sr.^a D. Madalena?

— Entre. Empurre a porta. Entre...

A Luiza entrou. Na cama, a um canto, a velha soergueu-se um bocadinho, perguntando com os olhos se havia surgido alguma novidade.

— Queria pedir-lhe um favor, sr.^a D. Madalena — disse a mulher, apertando o desbotado chaile cinzento que lhe cingia os ombros. — Era... para a sr.^a não ir hoje por essas ruas. (Queria dizer: era... para a sr.^a não ir hoje pedir esmola, mas não ousou pronunciar tal coisa. Aquela velhinha que tanto estimava, era uma senhora que tivera muito de seu e que, perseguida pela miséria e picada pela fome, se vira na necessidade de estender a mão à esmola).

Continuou, a custo:

— Sabe, sr.^a D. Madalena... Vou hoje dar o dia àquela casa, na Estrela. Há lá umas limpezas, uns arranjos. Claro, é véspera de Natal... Eles vão pagar-me melhor, certamente. Então, a senhora faria companhia ao meu Zêzinho que continua de cama, na mesma. Eu traria umas coisas, uns doces para a nossa ceia...

— Está bem, Luiza.

— E não sai, hoje?

— Não.

— Obrigada, sr.^a D. Madalena.

Deu bons-dias, muito agradecida, e já da porta, mostrando um sorriso feliz no seu rosto de mulher triste, aduziu:

— O leite do Zêzinho está na mesa, junto do fogareiro. Adeus, sr.^a D. Madalena. Verá que vamos ter, também, uma boa ceia de Natal.

A velha ficou a olhar a porta por onde Luiza havia desaparecido.

Sentia-se grata pela generosa lembrança da vizinha Luiza, sempre amável, sempre respeitosa, dispensava-lhe frequentes e inestimáveis atenções. Boa alma! Muitos dias, antes de ir para o seu trabalho de mulher a dias, vinha ali dizer-lhe: «Sr.^a D. Madalena, está mau tempo, chove muito. Não saia hoje, que pode adoecer...» Santa alma, a Luiza! E nunca lhe tocava, nem ao de leve sequer, na sua amarga profissão de pobre de pedir.

A pobre Luiza lá ia agora, a pé — e tão cedo, tão cedo! — vergastada pelo frio, a caminho do trabalho. Mentalmente, D. Madalena lastimou a vizinha.

Embaciaram-se-lhe os olhos de lágrimas e um violento, um violentíssimo desejo de morrer lhe invadiu o peito. Velha, misera e inútil, nenhuma outra caminhada lhe poderia ser mais agradável. Para que vivia, ainda?

Deixou o seu tugurio e dirigiu-se ao de Luiza. O pequenito, sumidinho na cama, estava a dormir. Pê ante pê, temendo acordá-lo, tratou de preparar-lhe o almocinho. Acendeu o fogareiro, com dificuldade. Estava um frio gelado.

Pôs a cafeteira do leite ao lume. Esfregou as mãos e passou-as sobre as brasas, quando ouviu uma tossesinha seca. Voltou-se. O Zêzinho, já acor-

feito essa promessa muitas, muitas vezes. Estava confundida por se haver esquecido. Olhou o pequeno, que, com seus olhinhos ansiosos, esperava uma resposta.

— Está bem, Zêzinho. Logo...

— Não se esquece?

— Não, não esqueço.

D. Madalena cuidou da louça e arranjou a casa. Como se tinha esquecido?! Se fôsse há quarenta anos, Zêzinho poderia ter a firme certeza de que

prar um bonito, e regressar antes de Luiza ter voltado do trabalho.

Mas, as horas foram passando, passando, sem nada conseguir.

Começou a penetra-la crescente desespero. A noite adiantava-se, caminhando sempre, e nenhuma boa alma se compadecia da sua sorte.

A noite — noite de Natal — prosseguia na sua caminhada. «Pelo céu, dê-me qualquer coisa...» Ninguém ouvia D. Madalena, ninguém parava um instante para a socorrer. Sem querer, estabelecia confronto entre os tempos passados e actuais.

Ouviu bater onze horas. Percorreu-a um pavor medonho. A Luiza já devia ter voltado do trabalho. Que se teria pensado?

Regressava, tonta de dor. A chuva desabava, desabava copiosamente. Estava muito longe do seu buraco. Queria andar depressa, mas escasseava-lhe a coragem. Que iria dizer à Luiza e ao Zêzinho? A certa altura, sentiu alguma coisa roçar-lhe as salas. Voltou-se. Era um cão, um cãozinho branco, que a seguia. Enxutou-o. Devia ter-se perdido do dono, ou fugido de casa. Era um lindo animalzito. Continuou, depois, o seu regresso. Ao dobrar uma esquina, o mesmo cãozinho, que a tinha seguido, saiu-lhe à frente. Sorriu-se, enternecida. E, ao mesmo tempo, ocorreu-lhe a ideia de levá-lo ao Zêzinho. Seria essa, por favor do acaso, o seu presente de Natal.

Pegou no cãozinho ao colo e deitou a correr, com pressa de chegar e com receio de que o dono do animal aparecesse e lho tirasse.

Quando chegou, a Luiza censurou-a docemente:

— Porque não me fez a vontade, sr.^a D. Madalena?

— Desculpe... Fui buscar esta prenda para o nosso doentinho...

— Ai que lindo! — gritou o menino ao vê-lo animal. — E' para mim? E' o seu presente? — E' meu amor. Toma-o lá — e põs-lhe o cão, na cama, a seu lado.

As duas mulheres olharam-se, emocionadas, compreendendo-se sem palavras.

— Bem. Vamos agora cear... disse Luiza.

— O cão também come conosco? — perguntou o pequenito.

— Também, meu filho.

Luiza abriu uns embrulhos que continham restos de comida informou: «Hoje, não tinham dinheiro trocado, deram-me êstes bocados...» Distribuiu-os irremamente. O cão foi contemplado com uma parte igual às das pessoas. E, afagando-o, o doentinho sentia-se muito contente, muito contente com êsse presente de Natal.



dado, com o rosto congestionado, pelo esforço que lhe custava tossir, olhava para D. Madalena.

— Estás melhor, Zêzinho?

O petiz não respondeu. Olhou para o fogareiro e limitou-se a perguntar pela mãe.

— Foi trabalhar, meu amor. Logo, quando voltar, dar-te-á bonitos...

A velha serviu-lhe o leite numa tijelita. Sentou-se, depois, na cama, a vê-lo beber, pouco a pouco. Gostava, gostava muito daquele miudinho, que uma maldita doença havia atirado para a cama.

— E, o meu presente? — perguntou Zêzinho, devolvendo a malga, já vazia, à velha.

— Que dizes?

— Então, hoje não é Natal?

— Sim... E' véspera de Natal. Oh!...

Lembrou-se que havia prometido ao filho de Luiza um presente de Natal. Tinha-lhe

a promessa não tardaria'nada a ser realidade.

Não sabia bem... E esta incerteza feria-a, torturava-a. Onde conseguir uma prenda para o doentinho? Olhou de lado, para vê se Zêzinho lhe seguia os gestos com olhos ansiosos. Tinha adormecido de novo. Ficou satisfeita. Uma ideia lhe havia atravessado o cérebro. Não hesitou a pô-la em prática. A Luiza que lhe desculpas se não cumpria o combinado...

D. Madalena dobou a manhã e a tarde a pedir esmola. Custara-lhe muito deixar o pequenito sozinho. Porém, não podia suportar a ideia de que viesse a noite sem que lhe pudesse dar a prenda prometida. Esperava arranjar alguma coisa, o suficiente, pelo menos, para com-

CRÓNICA ALEGRE

A BOTICA DO FEIJÓ

A farmácia do Feijó era como que o parlamento da terra. Lua fora, ali se reuniam uns não sei quantos — e juro à fé cristão que não houve questão de momento ou de futuro que deixasse de vir à tela da discussão. Discutíamos tudo: os problemas da terra e os do céu, e para tudo se encontrava solução. Para que nada faltasse até havia partidos. O da generosidade estava representado pelo bom do Padre Manuel, em que andava léguas e mais léguas só para consolar uma alma ou acudir a um doente.

O partido agrário tinha um delegado: o lavrador José do Freixo, que possuía tanto de pêso físico como de tara monetária. As forças económicas contavam com um defensor: o sr. Silva, dono de bem fornecida mercearia e de alguns pesos de quilo que não chegavam a ter 900 gramas.

Os homens moderados estavam representado pelo médico da terra, o dr. Fernandes, espírito vivíssimo, homem conciliador que acalmava a tempestade das discussões com palavras que não admitiam réplica, tanto era o respeito que havia infundido pela seriedade com que encarava tôdas as questões.

Nas reuniões ainda tomava parte o sr. Artur que aliava

à faculdade de possuir uma enorme cabeleira uma enciclopédica ignorância.

Certa noite, entrámos na botica. Atrás do balcão, amaciando com a espátula uma coisa negra que o médico receitara para pilulas, estava o boticário. Cá fora, o padre Manuel, de ceroulas de atilho, o sr. Artur, o José do Freixo, o Silva da mercearia e mais uns três ou quatro. Na presidência, como sempre, o dr. Fernandes. A princípio, aquilo foi conversa amena, mas quando mal aquela gente se precatava, o sr. Artur apresentou uma questão. Discutiram, discutiram e não houve nenhum dos assistentes que não metesse a sua colherada para rebater as afirmações do sr. Artur.

Era o caso que o enciclopédico sr. Artur defendia o critério de que um homem a duobrar o cabo dos 71 anos e que casara com moça de 21 ainda podia ter um filho.

O padre Manuel dizia que com a graça de Deus tudo podia acontecer, mas os outros é que não se convenciam disso, e malharam tanto no sr. Artur que este, exausto de argumentos, resolveu reclamar o auxílio do dr. Fernandes que, impassível, havia assistido ao violento debate.

— Ó sr. dr. Fernandes! o sr. que é médico diga-me uma coisa: um homem com 71 anos casado com uma mulher de 21 pode ou não ter um filho?

O médico mascou um pouco e retorquiu:

— Pode. Pode e é bem feito.

Pedro de Nelas

A BATALHA DE MAMUND

(Conclusão da pág. 24)

passar os cartuchos. Comecei a atirar, com cuidado, sobre os homens que se tinham juntado. Junto de nós siblavam as balas. Como estávamos deitados, ninguém foi atingido.

O «sikh», a quem eu tinha tirado a espingarda, puzera no chão, junto de mim, uns oito ou dez cartuchos. Era costume não deixar que as munições caíssem na mão do inimigo. O «sikh» estava nervoso: por isso lhe passei os cartuchos, um a um. Foi uma inspiração feliz. O resto do nosso grupo levantou-se para se retirar. Dos rochedos partiram muitos tiros acompanhados de exclamações e de rugidos. Reparei que cinco ou seis dos nossos homens estavam, de novo, estendidos no chão. Dois estavam mortos e os restantes feridos. Um tinha o peito atravessado, vendo-se correr o sangue, a jorros. Outro, deitado de costas, agitava os braços e as pernas. O oficial inglês rebojava-se no chão, atrás de mim, com o rosto ensanguentado e já sem o olho direito.

A aventura terminava mal. E' um ponto de honra não abandonar os feridos na fronteira hindu. Os que caem nas mãos dos pathans, depois duma batalha, sabem a sorte que os espera: a morte lenta depois de terríveis mutilações. O ajudante do regimento voltou, por isso, acompanhado por outro oficial subalterno, por um sargento «sikh» e por dois ou três soldados.

Não conseguí acompanhar, atentamente, o que se passava. Uma bala atravessou a perna dum dos «sikhs» que me ajudavam a transportar um ferido. O ferido deu um grito de dor, enquanto lhe caía o turbante e os cabelos se lhe espalhavam pelos ombros. Surgiram dois homens que tomaram conta do nosso ferido. Um oficial subalterno e eu agarrámos o «sikh» ferido e arrastámos-lo connosco. Felizmente que iam a descer. Mas desciámos com tanta dificuldade que o homem pediu para ir pelo seu pé. Saltando ao pé coxinho ou andando com os pés e as mãos conseguiu acompanhar-nos e chegar ao seu destino.

Olhei para a esquerda. O ajudante fôra morto.



acuda ao seu cabelo enquanto é tempo

Não é quando o cabelo já caiu de todo e as raízes morreram, que qualquer remédio pode fazer milagres.

E' quando surge algum dos primeiros sintomas da existência duma causa oculta da queda do cabelo, que se deve atacar o mal.

Ao pentear-se o pente vem cheio de cabelos. A gola dos seus casacos ou vestidos está com frequência cheia de caspa.

Não é preciso mais. Qualquer micróbio está atacando o bolbo piloso e produzindo fermentações prejudiciais à vida do cabelo, ou os canais por onde as raízes se alimentam estão obstruídos por poeiras ou gorduras. Alguma destas causas está minando as glândulas do crescimento do cabelo e é preciso actuar sem demora.

O combate deve ser fulminante. Não procurar experimentar remédios aprendidos ou ouvidos.

E' aplicar imediatamente — porque quasi imediato é o resultado — o **Petróleo Químico Nally**, que há muitos anos já, médicos, professores, farmacêuticos e principalmente os milhares de pessoas que o usam podem informar da sua constituição e maravilhosos efeitos.

O **Petróleo Químico Nally** contém na sua fórmula todos os elementos para combater as diferentes causas da queda do cabelo e ainda outros elementos que podem restabelecer o vigor às raízes. Faz desaparecer a caspa rapidamente e torna o cabelo sedoso e domável. Uma fricção diária é a melhor garantia da conservação dum bom e farto cabelo.

Tratado e defendido pelo **Petróleo Químico Nally** largos anos resistirá à idade, aparentando 10 a 20 anos menos do que aqueles que realmente tem.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete «QUANZA»

Sairá no dia 30 de Dezembro pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LOANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, : : : : : sujeita a baldeação : : : : :

IMPORTANTE: — A carga será recebida até às 26 horas do dia e depois desta data até às 15 horas do dia 29 com o aumento de 20%.



Para esclarecimentos e mais informações:

SÉDE: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 (6 linhas)

LISBOA

SUCURSAL: R. Infante D. Henrique 73 r/c. — tel. 1 484

PORTO •

A CAMPANHA DE LESTE

(Continuação da pág. 19)



APYROL

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APIROL não é um creme é um produto medicinal

A' venda na Farmácia Estácio — Rossio — e em todas as boas farmácias e drogarias

cos. E' incontestável que a U. R. S. S. sofreu perdas de vulto em homens e em material. Qual é, porém, a situação presente do adversário a este respeito? As perdas alemãs devem ter sido igualmente sensíveis e é evidente que hão de influir no curso da guerra. Em 10 de Outubro, o chefe dos serviços de Imprensa do Reich, dr. Otho Dietrich, declarou que o potencial militar da U. R. S. S. tinha praticamente, desaparecido. Os factos ocorridos posteriormente não confirmaram esta versão excessivamente optimista dos acontecimentos.

Sob o ponto de vista político não se produziram os fenómenos previstos no início da campanha de leste: destruição do regime soviético e manifestação de separatismos locais. Apesar de ter transferido a sua sede de Moscovo para Samara, os soviets continuaram a representar o poder político na Rússia. Nem na Rússia branca nem na Ucrânia, regiões onde o poder comunista não tinha largas simpatias, se produziram manifestações de onde fosse lícito concluir que desejavam libertar-se do governo soviético. O caso ucraniano merece especial menção por se tratar duma zona geográfica, económica e política em que alguns elementos de direcção mantiveram ininterruptamente, desde 1918, rela-

ções íntimas com os dirigentes do Reich.

Que vai passar-se agora? A estabilização na frente oriental entendia-se, até agora, como uma série de ataques e contra ataques que não alterava, sensivelmente, a posição reciproca dos adversários. Esse sentido aceitável durante a quadra outonal perdeu-se com a chegada do inverno, prematuro e rigoroso. E' duma estabilização, no sentido que se atribuía a este vocábulo, durante a conflagração de 1914-18 que se trata? A ser assim, russos e alemães terão de ficar preparando-se para uma guerra de posição que durará alguns meses. Este conceito não parece, porém, muito conciliável nem com o ritmo que os alemães emprestaram a todas as operações militares da sua iniciativa nem as condições climáticas especiais que se registam na Rússia.

Os russos beneficiam da proximidade dos seus centros de reabastecimento para qualquer iniciativa armada e os últimos comunicados de origem alemã referem-se a uma progressão das tropas soviéticas que toma amplitude especial em alguns sectores da antiga frente. De qualquer maneira, é natural que, até à próxima primavera, a campanha de leste nos reserve ainda algumas surpresas.

Carlos Ferrão

ESTAS DUAS PASTILHAS



acabam a INDIGESTÃO

SOFRE de indigestões? E' atormentado pela flatulência, acidez ou uma dor aguda no estômago? Está aqui o remédio que procura. Duas Pastilhas Rennie, dissolvidas lentamente na boca, dar-lhe-ão rápidos alívios. Não se fazem esperar os resultados deste tratamento. Verifique como a dor desaparece à medida que chupa as pastilhas. Passados 80 segundos o excesso de ácido é completamente neutralizado e volta o bem estar.

O excesso de ácido é, geralmente, a causa das indigestões. A melhor forma de neutralizar a acidez é tomar duas Pastilhas Rennie. Estas pastilhas actuam de três formas. Contêm anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que activam a digestão. As Pastilhas Rennie são usadas e recomendadas por 1.198 médicos ingleses. Todas as farmácias as vendem.



PASTILHAS

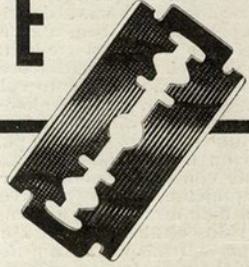
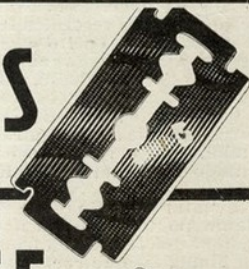
RENNIE

NÃO PRECISAM ÁGUA

LAMINAS

GILLETTE

AZUIS



● O SEGREDO DAS BARBAS PERFEITAS! As Láminas Gillette são as mais finas até hoje fabricadas — para barbear bem e suavemente — para grande eficiência e economia. O fio, afiadíssimo, das Gillettes Azuis, faz mu-tíssimas barbas.

5
6825
10
12850

75 R da Conceição, 1.ª — LISBOA

L. C. SMITH

A MÁQUINA DE ESCREVER

MODELO COMERCIAL

mais perfeita da actualidade



CORONA

OS MODELOS PORTATEIS

mais populares de todo o mundo

PREÇOS DESDE ESC. 1.200\$00

TRÊS MILHÕES DE MAQUINAS

SMITH E CORONA

EM CIRCULAÇÃO!!!



Distribuidores Gerais em Portugal: Sociedade de Comércio Internacional, LID.

LISBOA — Rua de S. Nicolau, 113 — Telef. 21578

Agentes no Norte: Ramalho e Silva, L.da

PORTO — Rua Cândido dos Reis, n.º 117/119

CINEMA

UMA PÁGINA DE GLÓRIA DO EXÉRCITO INGLÊS

A epopeia de Dunquerque

foi «reconstituída» em Hollywood, de maneira assombrosa, para o filme «UM AMERICANO NA R. A. F.»

A reconstituição, no cinema, dos grandes cataclismos radi- cou no espírito do público a convicção plena de que já não existem impossíveis para os gênios da trucagem, em Hollywood. Lembrem-me de «Dilúvio», que suggestionou Lisboa, de admiração? E do «Terramoto de S. Francisco», que galvanizou os nervos? Do «Incêndio de Chicago», página de estupendo realismo, em que o fogo tudo calcinava? De «O Furacão», que nos apresentava o vento em toda a sua trágica sanha destruidora? E quem poderá esquecer, em «Suez», a terrível tempestade de areia cujas proporções, pelo realismo de que se revestiu, causou o espanto de todas as plateias?

Pois bem. Tudo isso, que permitiu conhecer, em toda a variedade dos seus efeitos, a mais completa e total identificação das possibilidades dos técnicos, não admite — segundo uma revista americana — termo de comparação com a formidável tarefa que Hollywood decidiu levar a cabo: a reconstituição integral, absoluta, da famosa batalha de Dunquerque, imorredora página de glória do exército britânico!

Dadas as inconcebíveis proporções de destruição, que se tem nesta segunda tremenda guerra mundial, era lícito esperar que, mais tarde ou mais cedo, a epopeia de Dunquerque apaixonasse os técnicos de Hollywood. O «clou» era tentador. Demandava arrojo. Entretanto, ponderaram-se possibilidades. Animados por anteriores «milagres de imaginação, os gênios da trucagem não hesitaram em empreender a realização daquele glorioso episódio da rija ténpera inglesa.

Está na mente de todos, ainda bem viva, a repercussão desse estranho feito militar, que para toda a comunidade britânica constitui um penão de glória.

Neste momento, porém, e acima de tudo, como expressão de espectáculo, o que está na berlinda, perante a curiosidade do público, é a ousadia de Hollywood e dos seus magnates, artistas e técnicos, que, mais de uma vez, nos deixaram atônitos com os seus prodígios de materialização do irreal e do fantástico verdadeiro.

O que se passou em Dunquerque constitui o mais sensacional dos «clous». «Um americano na R. A. F.», que a Fox produziu com Tyrone Power, Betty Grable e John Sutton nos principais papéis de uma vibrante história desenvolvida em volta de um aviador que conduz um bombardeiro a Londres, nos comêços da guerra actual, onde se encontra com uma antiga amiga, corista, que presta serviços, como enfermeira na Cruz Vermelha. A rapariga, que não é outra senão a linda Betty Grable, não presta atenção aos galanteios de Tyrone pois está noiva de um oficial aviador. Entretanto, corre a notícia do seu desaparecimento durante a façanha de Dunquerque. Succede, porém, que a notícia não se confirma e o rapaz regressa, ferido, com grande alegria de Betty, que não lhe oculta o seu amor.

Na realização desta novela, são dignas de registro as sequências da guerra aérea, filmadas sob o próprio céu da Inglaterra, e a reprodução da batalha de Dunquerque cujas cenas constituem uma afirmação radiosa do conhecimento e da tremenda ousadia dos técnicos de Hollywood.

António Lourenço



Bonita Granville adora a sua «Chinie»

ACTIVIDADE BRITANICA

● Lord Halifax, numa recente visita a alguns estúdios americanos, proferiu um breve discurso sobre o cinema, que considera um elemento vital nos dias de hoje e absolutamente útil na manutenção da força física e moral dos povos.

● Entre as firmas produtoras inglesas, que mais se têm conservado em actividade, conta-se a British National, que está procedendo à realização de dois filmes e prepara mais quatro que se intitulam: «Old Mother», «Riley at the Circus», «Let the people sing» e «On of our aircraft failed to return».

● Em Ealing concluíram-se três películas que ainda não têm títulos definitivos.

● Os estúdios de Denham encontram-se em plena laboração, graças à valiosa colaboração da R. K. O., Paramount e dos grupos G. F. D. e A. B. F. D., que ali possuem em realização alguns filmes dispendiosos.



Num intervalo de filmagem de «Blossoms in the Dust», Norma Shearer visitou Greed Garson



Lorraine Day, a formosa interprete dos filmes da série «Kidara», cultiva o «tenis» nos intervalos das filmagens

MUNDO GRÁFICO



As
asas gloriosas
da
R. A. F.
destroiem
implacavelmente
a navegação
alemã

W. KROGMAN.